

Para se Construir uma Tese

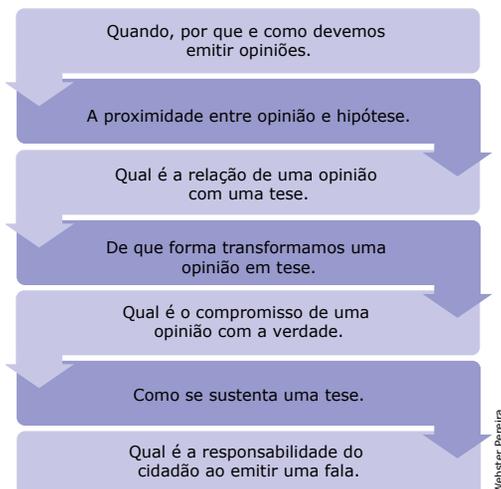
A TESE: HIPÓTESE, OPINIÃO, VERDADE, FATO E ARGUMENTO



As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel. O drama da Internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade.

Umberto Eco, em entrevista a *La Stampa*, depois de uma cerimônia em que recebeu o título de *doutor honoris causa* em comunicação e cultura na Universidade de Turim, em 2015.

O ponto de vista de Umberto Eco, pensador do século XX, sobre a difusão de discursos na Internet, abre este estudo porque é relevante para entender:



Sendo assim, para se entender com clareza o que é uma tese, como construí-la, como sustentá-la, é preciso lidar também com outros conceitos: hipótese, opinião, verdade, fato e argumento.

Observe o meme¹:



Disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRL87YebeIzf14T6C4v6jbXfxdrEoOpnR7_OfGxd9yR_B5FeYjE0A&s. Acesso em: 29 out. 2019.

O riso é uma reação à quebra de alguma expectativa. No meme, o inesperado se dá pela fala – proposital – que expõe o que é fato, algo indiscutível, e opinião, algo discutível. Pode-se dizer que a posição geográfica do Brasil não é uma opinião, é um fato, algo que não é passível de concordância ou discordância. No entanto, é apresentada uma recusa a esse fato por meio da expressão “não concordo”, que é reforçada pela insatisfação do gato. Esses aspectos compõem o humor.

Fato e opinião

Segundo o *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano, **fato** é:

em geral, uma possibilidade objetiva de verificação, constatação ou averiguação, portanto também de descrição ou previsão – objetiva no sentido de que todos podem fazê-las nas condições adequadas².

Ainda segundo o dicionarista, “[...] no que se refere a sua validade, o fato é independente de opiniões, preconceitos e mesmo juízos e valorações que não sejam inerentes ao uso dos instrumentos capazes de confirmá-lo”.

Então, o fato caracteriza-se por:

- ter como referência um método adequado para verificação e confirmação;
- não depender de subjetividades. Assim, quem faz a verificação não deve levar em conta suas próprias crenças.

Associando o meme a essa conceituação, concebe-se que a posição geográfica do Brasil é **fato**, porque é algo afirmado verificável, comprovado pelas condições dos instrumentos de avaliação.

¹ Os memes mencionados nesta obra têm caráter meramente ilustrativo e didático, sem qualquer conotação crítica ou política, não representando de forma alguma a opinião do(a) autor(a) ou do Bernoulli Sistema de Ensino.

² ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 429.

Entretanto, o discurso do meme situa-se em outro campo, pois não há garantia de sua validade, está tomado de interesses, ou seja, é uma **opinião**. O *Dicionário de Filosofia* respalda essa reflexão, assinalando que opinião:

[...] designa qualquer conhecimento (ou crença) que não inclua garantia alguma de sua própria validade [...]. (ABBAGNANO, 2007, p. 729)

Além de elencar conhecimento e crença para definir opinião, o *Dicionário* acrescenta: “[...] qualquer asserção ou declaração, conhecimento ou crença, que inclua ou não uma garantia da própria validade”. Então, se o falante apresenta um conhecimento, uma crença ou emite uma declaração sem sujeitá-la a uma revisão, sem vinculá-la a uma garantia de validade, estará emitindo opinião.

Dessa forma, o meme apresenta dois problemas: ele não reconhece o que é fato e não se importa quanto à fragilidade de sua posição. O humor está na falta de sentido de se sobrepor a opinião ao fato, sem constrangimentos.

No cotidiano, esse comportamento é comum, como manifestações nas redes sociais, em que há opiniões, sem constrangimentos, sobrepostas aos fatos. O desejo de que determinada situação seja verdadeira é suficiente para os usuários.

A seguir, há atividades para o exercício da percepção da diferença entre fato e opinião. Essa distinção nem sempre se apresenta em polos, pelo contrário, fato e opinião se cruzam, pois quem observa um fato observa-o sob seus pontos de vista. Junto a isso, o conceito de verdade será tratado.

EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM



01. ^{77NR} Leia atentamente o texto a seguir para responder às questões.



Fome no Brasil

- 1 § De 18 a 22 de junho de 2001, foi ao ar no Jornal Nacional a série *Fome no Brasil*, uma das mais premiadas do telejornalismo brasileiro. Para produzir as matérias, o repórter Marcelo Canellas e o cinegrafista Lúcio Alves viajaram por seis estados e o Distrito Federal.
- 2 § A ideia das reportagens partiu do próprio Marcelo Canellas, que pretendia traçar um mapa da fome no país. Em 1998, o repórter havia procurado a direção de jornalismo da Rede Globo e sugerido a pauta. O ponto de partida seria os 50 anos de publicação do livro *Geografia da fome*, do professor Josué de Castro. Mas a proposta foi recusada. Durante três anos, o repórter reuniu material para argumentar que, embora a fome fosse um tema muito discutido no país, ainda havia muito a ser mostrado. A disposição do repórter e a qualidade da pesquisa acabaram convencendo a direção do jornalismo.
- 3 § Na primeira matéria, Canellas descreveu a incidência da fome no nosso país como “uma tragédia a contagotas, dispersa, silenciosa, escondida nos rincões e nas periferias. Tão escondida que o Brasil que come não enxerga o Brasil faminto e aí a fome vira só número, estatística, como se o número não trouxesse junto com ele dramas, histórias, nomes”.

Segundo dados oficiais, na época, existiam pelo menos 36 milhões de brasileiros que não sabiam quando teriam a próxima refeição. A cada cinco minutos uma criança morria no país, a grande maioria vítima da fome.

- 4 § Ainda na primeira matéria, a equipe entrevistou a lavadeira Maria Rita Costa, de 51 anos, que sofria de desnutrição. A situação de saúde dela era tão ruim que a equipe da Globo teve que providenciar uma ambulância para levá-la ao hospital.
- 5 § Em outra matéria da série, Canellas mostrou que a fome pode ir além da humilhação e do sofrimento físico. Num hospital psiquiátrico em Cariri, no sul do Ceará, o repórter entrevistou o médico José Abagaro Filho, especializado em combater distúrbios provocados pela deficiência de nutrientes. Segundo o psiquiatra, está comprovada a existência de doença mental por desnutrição.
- 6 § A migração também foi tema de uma das reportagens: a história de brasileiros que vieram para os grandes centros urbanos fugindo da fome e que, mesmo longe de casa, ainda viviam na miséria.
- 7 § A última matéria mostrou uma ampla rede de solidariedade existente no Brasil, à espera de adesões. Atuam no país centenas de entidades de combate à fome, como Ação da Cidadania, Pastoral da Criança, Unicef e FAO (Food and Agriculture Organization), as duas últimas das Nações Unidas. Essas instituições agem de formas variadas, indo desde programas de geração de renda até a adoção de famílias pobres através do pagamento de mesadas.

MEMÓRIA GLOBO. *Fome no Brasil*. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/fome-no-brasil.htm>. Acesso em: 11 out. 2019.

- A) O texto “Fome no Brasil” é um registro de memórias da Rede Globo. Ele trata de um fato: a produção e apresentação de uma reportagem sobre a fome no Brasil em 2001, pela Rede Globo de Televisão. Por que essa produção deve ser considerada um fato?
- B) Esse fato – a produção de uma série documental – versa sobre um outro fato. Identifique-o e explique por que se trata de um fato e não de uma opinião.
- C) Marcelo Canellas procurou a direção da Globo para convencê-la a permitir a produção da série. O repórter tinha uma opinião a respeito do fato que seria tema de seu trabalho diferente do ponto de vista da emissora. Registre quais são essas opiniões e por que essas posições são opiniões.
- D) Tanto o repórter quanto a emissora tinham alguma ideia sobre o que discutiam. A opinião do primeiro respaldava a hipótese de que veicular a matéria era importante e que, por isso, daria audiência. A opinião do segundo respaldava a ideia contrária. Ambas ainda sem garantia de uma verdade. Seus enunciados poderiam até ser verdadeiros (o assunto fome já era conhecido e debatido à exaustão, não sendo, portanto, matéria que daria audiência para uma programação jornalística X o assunto fome, embora conhecido, não havia sido debatido à exaustão, sendo, portanto, matéria que daria audiência para uma programação jornalística), mas careciam de verificação dessas verdades: não houve prova das consequências de seu ponto de vista.

Entre as informações que o texto em estudo apresenta, está a de que um dos interlocutores se dispôs a procurar a validade de sua opinião, a fim de convencer o outro e alcançar seu objetivo. Sobre a relação social entre a emissora e o repórter:

- Identifique qual deles tentou persuadir o outro.
 - O que fez o jornalista para validar sua opinião?
- E) Após suas pesquisas, Canellas apresentou argumentos e “a disposição do repórter e a qualidade da pesquisa acabaram convencendo a direção do jornalismo”. Três situações apresentadas garantiram a qualidade da pesquisa. Resumidamente, exponha cada uma delas.
- F) Conforme o texto, “Durante três anos, o repórter reuniu material para argumentar [...]”. Os argumentos apresentados à Globo são de várias modalidades. Por exemplo, o uso de dados para convencer a empresa. Grife três outros argumentos no texto. Esses argumentos foram convincentes: por meio deles, Canellas convenceu a direção da emissora. Estabeleça hipóteses e construa um ponto de vista consistente, respondendo à pergunta: quais são as causas de 36 milhões de brasileiros não saberem quando teriam a próxima refeição?
- G) Assista a alguns episódios da reportagem e, em outras fontes, informe-se sobre o Brasil no ano de 2001 quanto a investimentos aos menos desfavorecidos e responda: sua **hipótese** se mantém? Se não, explique por quê. Se sim, essa alteração se configura como consistente?

Verdade

Os conceitos estudados levam a crer que o fato é inquestionável, porque este, sendo comprovável, traria uma verdade incontestável. A palavra “verdade” tem sido objeto de estudos filosóficos ao longo dos séculos, sendo um conceito complexo e variado que se dá em correspondência ao fato. Segundo o *Dicionário de Filosofia*:

Verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso é aquele que diz as coisas como não são. (ABBAGNANO, 2007, p. 994)



PARA REFLETIR

Nesse sentido, a entrevista de Walter Carnielli para o veículo de jornalismo eletrônico *Nexo* esclarece ainda mais os conceitos em estudo e contribui para a consciência sobre a responsabilidade na emissão de opiniões.

Por que “opinião não é argumento”, segundo este professor de lógica da Unicamp

Em entrevista ao Nexo, Walter Carnielli explica como manter uma discussão respeitosa e produtiva

Não é fácil vencer uma discussão. Especialmente em um contexto inflamado, em que as opiniões se polarizam, notícias falsas se proliferam, debatedores recorrem a ofensas e sarcasmo e festas de fim de ano criam ambientes propícios para a briga.

Uma boa discussão, ao contrário do que a maior parte das pessoas pensa, não serve para a disputa – e, sim, para a construção do conhecimento. Nesse sentido, saber sustentar uma boa argumentação é fundamental.

[...]

Nexo: O que é considerado um mau argumento?

Walter Carnielli: Um argumento é uma “viagem lógica” que vai das premissas à conclusão. Conforme a definição dada no nosso livro, um bom argumento é aquele em que há boas razões para que as premissas sejam verdadeiras, e, para além disso, as premissas apresentam boas razões para suportar ou apoiar a conclusão. Em outras palavras, as premissas que você apresenta devem ser precisas e verdadeiras, e devem produzir uma razão para se pensar que a conclusão é verdadeira. Desse modo, há duas maneiras em que um argumento pode falhar, ou ser um mau argumento: se as premissas forem falsas; Se as premissas não apoiam a conclusão. Em geral as pessoas erram mais na parte 2: parece mais difícil decidir se as premissas apoiam ou suportam a conclusão do que verificar se elas são verdadeiras ou falsas.

Nexo: Como desmontar um mau argumento de forma respeitosa e produtiva?

Walter Carnielli: Existe um princípio metodológico importante na argumentação que é o Princípio da Acomodação Racional, também conhecido como Princípio da Caridade, e que foi tratado por filósofos de peso como Willard Van Orman Quine e Donald Davidson. O princípio exige que devemos tentar entender o ponto de vista do oponente em sua forma mais forte e persuasiva antes de submeter sua visão à nossa avaliação. Dessa forma, devemos primeiro fazer todos os esforços para esclarecer as premissas e a conclusão do oponente, inclusive ajudando-o a reparar os pontos fracos. Só então, após essa atitude respeitosa, é que devemos gentilmente apontar a ela ou a ele onde suas premissas são falhas ou duvidosas e / ou porque tais premissas não apoiam a conclusão. Em outras palavras, o Princípio da Acomodação Racional impõe que interpretemos as afirmações dos outros de forma a maximizar a verdade ou racionalidade do adversário, tanto quanto isso seja possível. É a maneira mais respeitosa e produtiva de manter uma discussão honesta.

[...]

Nexo: Por que tanta gente recorre às falácias?

Walter Carnielli: Há centenas de falácias conhecidas e estudadas, mas a lista é potencialmente infinita. Há falácias lógicas, falácias estruturais, falácias de analogia, falácias emocionais, etc. Uma falácia é um mau argumento que não pode ser reparado. [...]

Walter Carnielli, matemático, professor de lógica na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e autor de Pensamento crítico – o poder da lógica e da argumentação (Editora Rideel), livro escrito em parceria com o matemático americano Richard L. Epstein.

MONTESSANTI, Beatriz; DIAS, Tatiana. Por que “opinião não é argumento”, segundo este professor de lógica da Unicamp. *Nexo*, 27 dez. 2016. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/12/27/Por-que-opinião-não-é-argumento-segundo-este-professor-de-lógica-da-Unicamp>. Acesso em: 11 out. 2019. [Fragmento]

Em sua entrevista, o professor Walter Carnielli diz que há uma lista infinita de **falácias**, isto é, afirmações falsas com aparência de verdadeiras. Faça uma pesquisa para saber quais são as falácias mais conhecidas.

EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM



02. Leia o texto a seguir para responder à questão.



Governo diz ter encontrado 1 246 trabalhadores em condições análogas às de escravo neste ano

O Ministério do Trabalho informou nesta quinta-feira (18) que seus auditores-fiscais encontraram 1 246 pessoas em situações análogas às de escravo entre janeiro e a primeira quinzena de outubro de 2018. O número, segundo o governo, é 93% maior do que o registrado em todo o ano passado (645 casos).

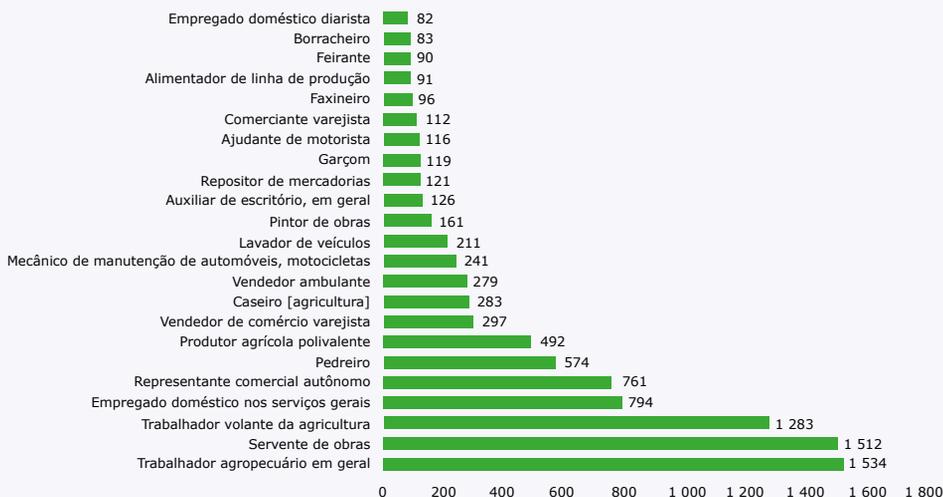
As informações constam do Radar do Trabalho Escravo, da Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT). [...]

De acordo com dados oficiais, Minas Gerais foi o estado em que foi encontrado o maior número de trabalhadores em situação análoga à de escravidão (754), seguido do Pará (129) e Mato Grosso (128). As três atividades que mais registraram casos de trabalho escravo foram a criação de bovinos, o cultivo de café e a produção florestal (plantio de florestas), acrescentou o Ministério do Trabalho.

GOVERNO diz ter encontrado 1 246 trabalhadores em condições análogas às de escravo neste ano, 18 out. 2018. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/10/18/governo-diz-ter-encontrado-1246-trabalhadores-em-condicoes-analogas-as-de-escravo-nesse-ano.ghtml>. Acesso em: 31 jul. 2019. [Fragmento]

- A) Volte ao texto e grife os trechos que confirmam que as informações apresentadas são verdadeiras.
- B) Com base nos grifos feitos, redija um parágrafo explicando por que se trata de fato e não de opinião.
- C) As opiniões (hipóteses) devem ser investigadas para que sejam respaldadas ou negadas e, assim, evitar uma rede de inverdades. Não é ético construir falsas verdades. Analise as imagens a seguir e compare-as com as informações do texto. Faça um levantamento das semelhanças e das diferenças entre elas, considerando as intenções e as reações que deve ter o leitor crítico diante dessas produções.

Número de óbitos em crianças e adolescentes de 5 a 17 anos segundo ocupações, 2007 a 2018*



Pagamento por produção na cana
Em média, um trabalhador que corta 12 toneladas por dia

Caminha 8,8 km

Desfere 133 332 golpes de facão

Faz 36 630 flexões e giros de corpo

Perde 8 litros de água

SIM. Disponível em: <http://www.bsb.ilo.org/dimbr>. Acesso em: 31 jul. 2019.

Acesse o QR Code e assista ao vídeo com atenção. Descreva as imagens e transcreva as frases que o compõem. Ele faz parte da campanha "Agro: a Indústria-Riqueza do Brasil".

A primeira pintura que aparece rapidamente no vídeo é uma obra de Henry Koster (1793-1820), um lisboeta filho de ingleses que chegou ao Brasil em 1812. Em Pernambuco, tornou-se latifundiário e senhor de escravos. É autor da obra publicada em 1816 com um título que expressa a ideologia de sua classe social: *Como melhorar a escravidão*. A segunda é uma obra de Benedito Calixto (1853-1927), um pintor, professor, historiador e ensaísta paulista.





VERDADE E TESE × SENSO COMUM



Aprender como detectar e elaborar teses implica enfrentar o senso comum. Ao longo da história, a utilização dessa expressão variou. Antes ela se referia à base dos julgamentos racionais feitos em coletividade, mas, a partir da metade do século XIX, passou a denominar opiniões equivocadas que, inclusive, chegam a inviabilizar o pensamento científico.

Alguns entendem “senso comum” como opiniões comuns relacionadas a culturas, pertencentes a determinadas civilizações, em alguns casos, até preconceituosas, opondo-se à razão. Já outros entendem “senso comum” como o conjunto de noções e aptidões necessário para a capacidade de julgamento de todos os homens, constituindo a base do pensamento racional, ou seja, da ciência.

Segundo a conhecida afirmação de René Descartes no *Discurso do Método*, “bom senso” é entendido como razão:

A capacidade de bem julgar e de distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que denominamos “bom senso” ou razão, é naturalmente igual em todos os homens.



PARA REFLETIR

Em setembro de 2015, representantes dos 193 Estados-membros da ONU se reuniram em Nova Iorque e reconheceram que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. [...] A Agenda 2030 é um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade, que busca fortalecer a paz universal. O plano indica 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, e 169 metas, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos [...].

AGENDA 2030. Disponível em: <http://www.agenda2030.com.br/sobre/>. Acesso em: 18 set. 2019. [Fragmento]

Entre esses objetivos, estão os de

- número 2: Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável;
- número 15: Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.

Refleta sobre esses objetivos, discuta com pessoas a sua volta, leia mais opiniões tanto a favor quanto contra o agronegócio, verificando suas vantagens e desvantagens. Em seguida, responda: as ações do agronegócio vão ao encontro dos objetivos 2 e 15 ou de encontro a eles?



PARA REFLETIR

A viralização do senso comum

Michel Carvalho da Silva*

Quem já recebeu alguma mensagem via Whatsapp informando que o governo vai confiscar a caderneta de poupança ou que o Congresso vai votar um projeto que acaba com o 13º salário? Outro conteúdo falso que “viralizou” no Facebook nos últimos tempos se refere ao auxílio-reclusão, que seria pago diretamente ao criminoso, ou ainda que o benefício se multiplicava conforme o número de filhos do preso ou da presa.

Muitas mensagens circulam pela Internet e nem sempre elas são verdadeiras. Mas como pode o cidadão comum distinguir, num volume pulverizado de informação, entre aquela confiável, verídica e relevante, e aquela errônea, imprecisa e falsa? É evidente que essa questão está relacionada ao nível de empoderamento do indivíduo, que varia de acordo com o grau de instrução, a consciência política e os hábitos midiáticos de cada um.

Uma pesquisa divulgada recentemente pelo PewResearch Center mostra que cresceu nos últimos dois anos a influência das redes sociais na tarefa de manter os cidadãos informados. Os sites de notícias, antes tradicionais fontes de informação, foram descritos no estudo como fontes secundárias na hora de saber sobre um assunto ou acontecimento.

As redes sociais podem impulsionar o engajamento cívico devido à sua flexibilidade ao permitir aos usuários acessar informações sob demanda, receber notícias de maneira instantânea, aprender sobre diversos temas, personalizar conteúdo de acordo com seus interesses e aprofundar a discussão em torno de assuntos mais complexos.

No entanto, o potencial da Internet para ampliar o grau de informação do indivíduo ainda é limitado por fatores como o desinteresse da coletividade ou a inabilidade das pessoas em assimilar grandes volumes de dados e relacionar fatos. Daí a importância de uma educação que subsidie o cidadão a entender a burocracia governamental e o funcionamento do sistema político (conhecimento das regras gerais, familiaridades com as estatísticas e as plataformas de governo). Só uma pessoa que reúna essas competências poderá acompanhar e fiscalizar as políticas públicas implementadas pelos agentes públicos.

A desinformação, fruto da imprecisão, da mentira ou do ruído informacional, contribui para a ignorância das pessoas e inviabiliza o debate democrático. Aliás, é preocupante quando observamos que uma informação é manipulada simplesmente com o propósito de causar pânico ou revolta com vistas a beneficiar um segmento político. Não podemos nos esquecer também do triste episódio, ocorrido no ano passado no Guarujá, em que uma mulher foi espancada até a morte após boato espalhado em rede social que a acusava de sequestro e bruxaria.

Diante disso, é preciso verificar se a informação veiculada é de uma fonte confiável, como *sites* institucionais, páginas de jornais conhecidos e blogues de profissionais respeitados. Também é importante pesquisar se mais de uma fonte publicou a notícia, isso denota maior credibilidade à mensagem. Outro aspecto relevante é identificar se o conteúdo divulgado não é oriundo de um *site* de notícias falsas ou de conteúdo exclusivamente humorístico, como o *Sensacionalista*.

A informação tem relevância para o exercício pleno da cidadania e a formação de opinião. Por isso, o acesso à informação é um direito que antecede os demais, pois quem está bem informado tem maiores possibilidades de reivindicar outros direitos. As redes sociais oferecem oportunidades significativas para a politização da sociedade e um maior engajamento do cidadão no processo de deliberação pública, mas é preciso, antes de tudo, discernimento para não reproduzir o senso comum "viralizado" na Internet.

**Michel Carvalho da Silva é jornalista, professor e mestre em Ciências da Comunicação*

CARVALHO DA SILVA, Michel. A viralização do senso comum. *Observatório da imprensa*, 864. ed. 21 ago. 2015.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/a-viralizacao-do-senso-comum/>.

Acesso em: 01 jul. 2019.

Sabendo que é importante sempre buscar a fonte, verifique a procedência do seguinte trecho desse artigo de opinião: "Outro conteúdo falso que 'viralizou' no Facebook nos últimos tempos se refere ao auxílio-reclusão, que seria pago diretamente ao criminoso, ou ainda que o benefício se multiplicava conforme o número de filhos do preso ou da presa". Trata-se de senso comum que se paga ao criminoso um auxílio-reclusão ou é informação verdadeira e, nesse caso, o articulista estaria comprometendo sua posição?

Acesse os QR Codes a seguir e observe quem são os enunciadores de cada conteúdo e a quais instituições se filiam.



Qual dessas fontes é confiável? Por quê? Procure outras duas fontes com posicionamentos diferentes entre si, registre-as e compare-as quanto à confiabilidade.

VERDADE E TESE × FAKE NEWS E PÓS-VERDADE



No filme *Dúvida*, dirigido por John Patrick Shanley, uma cena estabelece a responsabilidade das pessoas que difamam os outros. Um padre, em seu sermão, conta de uma pecadora que, tendo comprometido certa reputação, confessa o erro e suplica por perdão. Seu guia espiritual, como punição, pede-lhe que pegue um travesseiro e uma faca, suba a um telhado, enfie a faca no travesseiro e o rasgue. Após obedecer, a fiel retorna ao confessor, o qual lhe pede que descreva o que acontecera, ao que ela responde: ao rasgar o travesseiro, milhares de penas se espalharam ao vento. Diz-lhe, então, o padre: agora, para que obtenha o perdão, recolha pena por pena espalhada...

Acesse o QR Code a seguir para conferir a cena descrita:



A contundente narrativa elucida três ocorrências associáveis a *fake news*:

- Propagar mentiras compara-se a dilacerar uma pessoa.
- Recuperar a imagem do difamado é impossível.
- Não há perdão para esse tipo de perversidade.

Os textos a seguir contribuem para a compreensão de que as *fake news* comprometem a construção de uma tese e ainda expõem propósitos pouco éticos.

Texto I

Fake news são notícias falsas publicadas por veículos de comunicação como se fossem informações reais. Esse tipo de texto, em sua maior parte, é feito e divulgado com o objetivo de legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo (geralmente figuras públicas).

As *fake news* têm um grande **poder viral**, isto é, espalham-se rapidamente. As informações falsas apelam para o emocional do leitor / espectador, fazendo com que as pessoas consumam o material “noticioso” sem confirmar se é verdade seu conteúdo.

CAMPOS, Lorraine Vilela. O que são *Fake News*? *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em: 18 nov. 2019. [Fragmento]

Texto II

A arte de manipular multidões

Técnicas para mentir e controlar as opiniões se aperfeiçoaram na era da pós-verdade

[...]

A tecnologia permite hoje manipular digitalmente qualquer documento (incluindo as imagens), e isso avaliza que se indiquem como suspeitos os que reagem com dados certos diante das mentiras, porque suas provas já não têm valor de fato. E se acrescenta a isso a perda de parte da independência na imprensa com a crise econômica. O número de jornalistas foi reduzido e ela precisou levar em consideração não só os leitores, mas também os proprietários e anunciantes. Em certos casos, utilizam também técnicas sensacionalistas para obter reações na Rede, o que fez com que perdesse credibilidade.

Com tudo isso, se chegou à paradoxal situação de que as pessoas já não acreditam em nada e ao mesmo tempo são capazes de acreditarem em qualquer coisa.

Muitos jornais dos Estados Unidos verificaram as dezenas de falsidades difundidas pelo presidente Trump (em janeiro já havia dito 99 mentiras segundo o *The New York Times*), mas isso não as desativou. E a imprensa britânica, por sua vez, esmiuçou as mentiras dos que pediam a saída da UE, mas isso não desanimou milhões de eleitores.

A pós-verdade

A mentira sempre é arriscada, e requer formas muito potentes para sustentar-se. Por isso as técnicas de silêncio costumam ser mais eficazes: emite-se uma parte comprovável da mensagem, mas se omite outra igualmente verdadeira. Aqui estão alguns exemplos:

A insinuação. Não é preciso usar dados falsos. Basta sugeri-los. Na insinuação, as palavras e imagens expressadas se detêm em um ponto, mas as conclusões inevitavelmente extraídas delas vão muito mais além. O emissor, entretanto, poderá se defender afirmando que só disse o que disse, que só mostrou o que mostrou. A principal técnica da insinuação na imprensa parte das justaposições: ou seja, uma ideia situada ao lado de outra sem que se explicita a relação sintática ou semântica entre ambas. Mas sua contiguidade obriga o leitor a deduzir uma ligação.

[...]

A pressuposição e o subentendido. A pressuposição e o subentendido possuem traços em comum, e se baseiam em dar algo como certo sem questioná-lo. Por exemplo, no conflito catalão se difundiu a pressuposição de que votar é sempre bom. Mas essa afirmação não pode ser universal, uma vez que não se aceitaria que o Governo espanhol colocasse urnas para que a população votasse se deseje ou não a escravidão. Somente o fato de se admitir essa possibilidade já seria inconstitucional, por mais que a resposta esperada fosse negativa. Primeiro seria necessário modificar a Constituição para permitir a escravidão, e depois sim poderia ocorrer uma votação a respeito. Foi criada, portanto, uma pressuposição segundo a qual o fato de votar é sempre bom, quando a validade de uma consulta está ligada à legitimidade e à legalidade democrática do que é colocado em votação.

[...]

A falta de contexto. A falta do contexto adequado manipula os fatos. Assim aconteceu quando o deputado independentista catalão Lluís Llach recebeu ataques injustos por declarações sobre o Senegal. Em 9 de setembro de 2015, um jornal barcelonês postava em sua manchete esta frase, colocada na boca do ex-cantor e compositor: “Se a opção do sim à independência não for majoritária, vou para o Senegal”. Daí se poderia deduzir que ir para o Senegal era algo assim como um ato de desespero (e uma ofensa para aquele país africano). Desse modo interpretaram alguns colunistas e centenas de comentários publicados sob a notícia. No entanto, o jornal tinha omitido um contexto importante: Llach criou anos atrás uma fundação humanitária de ajuda ao Senegal e, portanto, longe de expressar desprezo em suas palavras, ele mostrava o desejo de se voltar para essa atividade se o seu esforço político fracassasse.

[...]

Inversão da relevância. Os beneficiários desta era da pós-verdade nem sempre dispõem de fatos relevantes pelos quais atacar seus adversários. Por isso, com frequência recorrem a aspectos muito secundários que transformam em relevantes. Os costumes pessoais, a vestimenta, o penteado, o caráter de uma pessoa em seu entorno particular, um detalhe menor de um livro ou de um artigo ou de uma obra (como naquele caso dos manipuladores de marionetes em Madri) adquirem um valor crucial na comunicação pública, em detrimento do conjunto e das atividades de verdadeiro interesse geral ou social. Desse modo, o que for opinião ou subjetividade sobre esses aspectos secundários se apresenta como noticioso e objetivo. E, portanto, relevante.

[...]

GRIJELMO, Álex. *El País*, 28 ago. 2017. Caderno Opinião. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/22/opinion/1503395946_889112.html. Acesso em: 01 jul. 2019. [Fragmento]

- Os textos em estudo apresentam ideias que constituem o conceito de *fake news*. Faça um apanhado dessas ideias, a ponto de construir esse conceito.
- Como sua resposta anterior deve sugerir, *fake news* é diferente de pós-verdade, esta é uma decorrência daquela, quando a opinião pública reage emocionalmente a uma *fake news*, assumindo-a como verdade. Assim, quem se propõe a construir e espalhar *fake news* pretende fazer de sua mentira uma verdade. Álex Grijelmo esclarece que os mecanismos de que se valem os “difundidores” de mentiras são fundamentais para que alcancem o efeito maior de sua ação, a pós-verdade. Ele ilustra esses mecanismos por meio de situações vividas na Espanha. Identifique o mecanismo “Adulteração da verdade” e, resumidamente: a) conceitue-o; b) descreva a construção da *fake news*; c) descreva o fato real; d) apresente a pós-verdade instituída.

Agora, identifique o mecanismo “Falta de contexto” e, resumidamente: a) conceitue-o; b) descreva a construção da *fake news*; c) descreva o fato real; d) apresente a pós-verdade instituída.

Seguindo o mesmo roteiro das duas questões anteriores, identifique o mecanismo “Inversão de relevância” e, resumidamente, conceitue-o.

- **Álex Grijelmo** não descreve a construção da *fake news*, apenas cita a circunstância, o caso dos manipuladores de marionetes em Madrid. Busque informações sobre esse fato e descreva-o mostrando a construção da *fake news*. Em seguida, apresente a pós-verdade instituída.



PARA REFLETIR

Para combater as *fake news* sobre saúde, o Ministério da Saúde, de forma inovadora, está disponibilizando um número de WhatsApp para envio de mensagens da população. Vale destacar que o canal não será um SAC ou tira dúvidas dos usuários, mas um espaço exclusivo para receber informações virais, que serão apuradas pelas áreas técnicas e respondidas oficialmente se são verdade ou mentira.

Qualquer cidadão poderá enviar gratuitamente mensagens com imagens ou textos que tenha recebido nas redes sociais para confirmar se a informação procede, antes de continuar compartilhando. O número é (61) 99289-4640.



Alerta aos pais: MPF proíbe a vacina contra o HPV, que pode deixar seus filhos debilitados por toda a vida ou até mesmo levá-lo à morte por conter metais pesados, vírus transgênicos e conservantes, além de destruir a capacidade natural do indivíduo. NÃO VACINE SEU FILHO CONTRA O HPV porque por trás disso, esconde-se uma máfia que só visa lucrar com isso.

BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/fakenews/44143-mpf-proibe-vacina-contrahpv-fake-news>. Acesso em: 30 out. 2019. [Fragmento]

CHECAGEM DE FATOS: UM NOVO NICHOS NO JORNALISMO

A informação é essencial ao exercício da cidadania: para reivindicar seus direitos e políticas públicas que considera importante, a população precisa ter acesso ao número de pessoas que é atendida nos postos de saúde, ao dinheiro gasto com obras públicas, aos projetos de lei que os vereadores estão propondo. Vivemos hoje numa sociedade que tem excesso de informação, mas nem sempre tem acesso às informações importantes, nem às verdadeiras.

Por isso, decidimos falar sobre checagem de fatos aqui no Politize! O cidadão necessita de acesso a informações, mas mais importante ainda é que tenha contato com informações verdadeiras, contextualizadas e sem distorções. Quem provê boas informações atualmente? [...]

Qual o método utilizado para a checagem?

Não há uma maneira única de checar fatos, então cada agência pode escolher o seu. Utilizaremos aqui o exemplo da Agência Lupa, por ser mais coerente à realidade brasileira. [...]

- Observação diária de noticiários – revistas, jornais, rádio e televisão – sobre o que estão dizendo os políticos, as celebridades e pessoas relevantes socialmente. Suas frases serão “a matéria-prima” da checagem;
- Ao selecionar a frase, a equipe da Lupa coloca três critérios: destaque nacional, assuntos de interesse público e que tenham ganhado destaque na mídia;
- Levantamento de “tudo” o que já foi publicado sobre a questão – nas mídias, jornais e Internet;
- Consulta a bases de dados oficiais e sai à busca de informações que são – ou deveriam ser – públicas;
- Caso não haja uma resposta concreta à pergunta ou certeza sobre a veracidade da informação, o repórter contata as assessorias de imprensa ou recorre à Lei de Acesso à Informação;
- Recorrer a especialistas na área, para que contextualizem o fato e evitem a má interpretação de dados e números;
- Por último, contata a pessoa que está sendo checada, dando-lhe a oportunidade de se pronunciar na matéria.

MERELES, Carla. Disponível em: <https://www.politize.com.br/checagem-de-fatos/>. Acesso em: 30 out. 2019. [Fragmento]

TESE E ARGUMENTAÇÃO: DUAS FACES, MESMA MOEDA

Fato, opinião, hipótese, verdade e argumento são conceitos que contribuem para as reflexões sobre **tese**. No *Dicionário de Filosofia*, consta que:

Tese é um termo que deriva dos textos lógicos de Aristóteles, com os seguintes significados principais: designa aquilo que o interlocutor põe no começo de uma dissertação como assunção sua e também uma proposição assumida como princípio. (ABBAGNANO, 2007, p. 957)

Nos textos estudados, essas descrições cabem perfeitamente: os autores adotam certa posição, o que significa um pensamento assumido como princípio e, portanto, embasado em argumentos e, assim, passíveis de discordância parcial ou total, a partir de outra tese.

A tese apresenta um ponto de vista. Para esse olhar não ser comprometido pelo excesso de subjetividade, atua no mecanismo da racionalidade, de atitudes que rechaçam o senso comum e acionam exercícios de vigilância sobre interesses pessoais e / ou dominantes: ceticismo; buscas de informações; checagem de fontes; comparação de discursos, etc. Desse processo resulta o modo como se apresenta a tese.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **03** e **04**.

Obras de Monteiro Lobato entram para domínio público

Saiba o que muda e quais repercussões isso poderá ter na relação dos leitores com as obras do escritor

Ele dá nome a ruas, escolas e bibliotecas por todo o Brasil. O Dia Nacional do Livro Infantil, comemorado em 18 de abril, homenageia a data de nascimento desse escritor, autor de mais de 50 livros que mexeram, como ninguém, com o imaginário de crianças e jovens de todo o Brasil. A personalidade em destaque é Monteiro Lobato, cujas obras ingressaram em domínio público em 1º de janeiro deste ano.

“Quando a obra ingressa no domínio público, qualquer pessoa pode utilizá-la, fazer adaptações, traduzir, veicular, imprimir, ou seja, fazer qualquer tipo de uso econômico sem ter de pedir autorização prévia para o autor ou titular de direitos”, explica a diretora da Secretaria de Direitos Autorais e Propriedade Intelectual da Secretaria Especial da Cultura do Ministério da Cidadania, Carolina Panzolini. [...] A legislação brasileira estipula o prazo de 70 anos a partir de 1º de janeiro ao ano subsequente à morte do autor para que as obras dele entrem em domínio público.

Especialista na obra de Monteiro Lobato, a professora de Literatura Brasileira Milena Ribeiro Martins, da Universidade Federal do Paraná, acredita que o ingresso da obra do escritor paulista em domínio público vai aumentar a atenção do público e reacquer o interesse pela obra de Lobato. [...] “O número de leitores de Lobato tende a aumentar porque, comercialmente, vai haver novas edições e o número de criações com base na obra de Lobato deve aumentar”, avalia.

Milena defende que, apesar de alguns terem quase 100 anos, os livros de Lobato, em especial os voltados ao público infantil, podem ser muito atraentes para os jovens leitores que vivem cercados de experiências multimídias. “Há um misto de fantasia, de ciência, de imaginação e de criatividade na obra do Lobato, que ainda é atraente para as crianças”, argumenta. [...]

Uma das ousadias de Lobato foi, em uma época em que o conservadorismo era grande, dar voz às crianças, que não costumavam ter espaço na maioria das famílias para expor seus pensamentos. “Ele não vai pensar numa criança simplesmente obediente, mas ele vai pensar numa criança reflexiva, criativa, produzindo novos significados para o seu momento histórico. E, nesse sentido, ele muda muito a literatura nacional e discute produção literária estrangeira dentro da sua obra”, destaca a especialista.

CAMPANERUT, Camila. *Obras de Monteiro Lobato entram para domínio público*. Brasília: Ministério da Cidadania, 2019. Disponível em: <http://cultura.gov.br/obras-demonteiro-lobato-entram-para-dominio-publico/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

- 03.** (UECE–2020) O texto defende um ponto de vista e, para isso, apresenta fatos e opiniões. Sobre esse aspecto, assinale a opção que se apresenta como opinião utilizada para defender o ponto de vista do autor.
- A) O autor Monteiro Lobato dá nome a ruas, escolas e bibliotecas por todo o Brasil.
 - B) O Dia Nacional do Livro Infantil homenageia a data de nascimento de Monteiro.
 - C) O ingresso da obra de Lobato em domínio público aumentará seu público leitor.
 - D) A obra de Lobato ingressou em domínio público em 1º de janeiro de 2019.
- 04.** (UECE–2020) Desde 1º de janeiro de 2019, não há mais necessidade de pedir autorização para utilizar as obras de Monteiro Lobato, porque
- A) os leitores estão cercados de experiências multimidiáticas.
 - B) o ano anterior a esta data indica que decorreram 70 anos da morte do autor.
 - C) os livros desse autor são atraentes para crianças e jovens.
 - D) a data do nascimento do autor é marcada como o Dia Nacional do Livro Infantil.
- 05.** Leia a introdução do texto “Imprimam – e repensem – suas fotografias” a seguir para responder às questões.

Imprimam – e repensem – suas fotografias

Outro dia, mandaram um *link* para que eu lesse com carinho. Era um texto dizendo que o “pai da Internet”, Vint Cerf, recomendava que imprimíssemos nossas fotografias. O problema seria a tal da “obsolescência programada”, essa invenção malévola e espertinha que nos transforma em consumidores compulsórios de equipamentos novos em substituição a outros sempre, e rapidamente, desatualizados.

Aconteceu outro dia, e outro e outro: usei um celular por muitos anos, insistentemente, até que não consegui baixar mais nenhum aplicativo nele. Pronto, passava da hora de trocar de aparelho. Vai durar. Doce ilusão.

Comprei outro e outro, e cada um, num belo dia diferente, mas não a espaços muito largos, deixava de funcionar por algum motivo. Mas a coisa era predeterminada. Em alguns casos, a máquina não funcionava nem com aplicativos fabricados pela própria empresa. Mas vá lá, tenhamos paciência ou bobiça suficientes.

[...]

RIBEIRO, Ana Elisa. Imprimam – e repensem – suas fotografias. *Digestivo cultural*, 24 fev. 2017.

Disponível em: https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=4372&titulo=Imprimam_-_e_repensam_-_suas_fotografias. Acesso em: 17 out. 2018. [Fragmento]

- A) Dos recursos estudados, identifique qual deles foi utilizado nessa introdução. Justifique com trechos do texto.
 - B) Identifique a tese dessa introdução.
- 06.** Leia a introdução do texto “Esqueça o que você sabe sobre a origem da humanidade” a seguir para responder às questões.

Esqueça o que você sabe sobre a origem da humanidade

A Internet chegou para nos trazer informações e conhecimentos incríveis. Você acha que sabe tudo sobre a história e evolução da humanidade? Então, leia este texto e veja que você pode estar equivocado.

A origem humana ainda é um tema delicado e cercado de mistérios. Quem teria, por exemplo, construído as estruturas gigantes de megalíticos da Terra? Como podemos ter artefatos e estruturas que datam de antes da existência humana? Estas são questões que intrigam os pesquisadores.

[...]

ESQUEÇA o que você sabe sobre a origem da humanidade. *Site de Curiosidades*. Disponível em: <https://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/esqueca-o-que-voce-sabe-sobre-a-origem-da-humanidade.html>. Acesso em: 27 nov. 2018. [Fragmento]

- A) Dos recursos estudados, identifique qual deles foi utilizado nessa introdução. Justifique com trechos do texto.
- B) Identifique a tese dessa introdução.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: Leia atentamente a tirinha a seguir para responder às questões de **01** a **03**.



- 01.** (UERJ–2017) No primeiro quadrinho, a declaração feita pela personagem indica um pressuposto acerca do universo escolar. Esse pressuposto pode ser associado, na escola, à seguinte prática:
- Negação do patriotismo
 - Intolerância à diversidade
 - Desestímulo às indagações
 - Reprovação de brincadeiras
- 02.** (UERJ–2017) O uso de palavras que se referem a termos já enunciados, sem que seja necessário repeti-los, faz parte dos processos de coesão da linguagem. Na pergunta feita no segundo quadrinho, uma palavra empregada com esse objetivo é:
- nós
 - aqui
 - nossa
 - porque
- 03.** (UERJ–2017) Todo o raciocínio da personagem pode ser expresso na fórmula dedutiva “se A, então B”. Para que essa fórmula esteja de acordo com o raciocínio da personagem, ela deve ser redigida da seguinte maneira:
- Se escolhermos onde nascer, então amar a pátria não é uma obrigação.
 - Se não escolhermos onde nascer, então amar a pátria é uma conveniência.
 - Se a professora se zanga com perguntas, então eu não devo fazer uma redação só com perguntas.
 - Se a professora não se zanga com perguntas, então eu posso fazer uma redação só com perguntas.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **04** a **06**.

A arte de enganar

Em seu livro *Pernas pro ar*, Eduardo Galeano recorda que, na era vitoriana, era proibido mencionar “calças” na presença de uma jovem. Hoje em dia, diz ele, não cai bem utilizar certas expressões perante a opinião pública: “O capitalismo exhibe o nome artístico de economia de mercado; Imperialismo se chama globalização; suas vítimas se chamam países em via de desenvolvimento; oportunismo se chama pragmatismo; despedir sem indenização nem explicação se chama flexibilização laboral”, etc.

A lista é longa. Acrescento os inúmeros preconceitos que carregamos: ladrão é sonegador; lobista é consultor; fracasso é crise; especulação é derivativo; latifúndio é agronegócio; desmatamento é investimento rural; lavanderia de dinheiro escuso é paraíso fiscal; acumulação privada de riqueza é democracia; socialização de bens é ditadura; governar a favor da maioria é populismo; tortura é constrangimento ilegal; invasão é intervenção; peste é pandemia; magricela é anoréxica. Eufemismo é a arte de dizer uma coisa e acreditar que o público escuta ou lê outra. É um jeitinho de escamotear significados. De tentar encobrir verdades e realidades.

Posso admitir que pertenço à terceira idade, embora esteja na cara: sou velho. Ora, poderia dizer que sou seminovo! Como carros em revendedoras de veículos. Todos velhos! Mas o adjetivo seminovo os torna mais vendáveis.

Coitadas das palavras! Elas são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como está. Não conseguem, contudo, escapar da luta de classes: pobre é ladrão, rico é corrupto. Pobre é viciado, rico é dependente químico.

Em suma, eufemismo é um truque semântico para tentar amenizar os fatos.

FREI BETTO. *O Dia*, 21 mar. 2015. (Adaptação).

04. (UERJ) Frei Betto inicia seu texto com uma citação do escritor uruguaio Eduardo Galeano, recorrendo a recurso comum de argumentação. Esse recurso constitui um argumento de:

- A) Comparação
- B) Causalidade
- C) Contestação
- D) Autoridade

05. (UERJ) No segundo parágrafo, o emprego de certa estrutura encaminha a reflexão do leitor para os disfarces que a linguagem permite. Essa estrutura é caracterizada principalmente por:

- A) Modalização
- B) Pressuposição
- C) Exemplificação
- D) Particularização

06. ^{4T56} (UERJ) Em sua origem grega, o termo “eufemismo” significa “palavra de bom agouro” ou “palavra que deseja o bem”. Como figura de linguagem, indica um recurso que suaviza alguma ideia ou expressão mais chocante. Na crônica, o autor enfatiza o aspecto negativo dos eufemismos, que serviriam para distorcer a realidade. De acordo com o autor, o eufemismo camufla a desigualdade social no seguinte exemplo:

- A) Fracasso é crise.
- B) Peste é pandemia.
- C) Magricela é anoréxica.
- D) Rico é corrupto.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões **07** e **08**.

E se um asteroide...

E se um asteroide fosse se chocar com a Terra, e não houvesse nada a fazer para evitar o nosso fim? Como nos comportaríamos?

Nos convenceríamos, finalmente, de que somos uma única espécie frágil num planeta precário e viveríamos nossos últimos anos em fraternidade e paz, ou reverteríamos ao nosso cerne básico e calhorda, agora sem qualquer disfarce? Nos tribalizaríamos ainda mais ou descobriríamos nossa humanidade comum, e como eram ridículas as nossas diferenças?

Como os cientistas nos diriam até o segundo exato do choque com o asteroide com alguns meses de antecedência, seríamos a primeira geração sobre a Terra a viver com a certeza universal e pré-medida do seu fim – e a última, claro. Muitas seitas através da História e até hoje estabeleceram a hora e o modo de o mundo acabar e se prepararam para o evento. Nós seríamos os primeiros com evidência científica do fim, em vez de crença, o que nos levaria a tratar a ciência como hoje muitos tratam as crenças. Pois só a desmoralização total da ciência, só chamar o sistema métrico de ocultismo e termodinâmica de feitiçaria, nos daria a esperança de que os cálculos estivessem errados e o asteroide, afinal, passaria longe.

Se existissem foguetes salvadores e bases na Lua e em Marte esperando os sobreviventes, estaríamos diante de outra situação “Titanic”. Quem vai nos foguetes? (Nada de mulheres e crianças – intelectuais primeiro!) Tem que ser americano? Quanto custaria uma terceira classe? Aceitam cartão?

Nós finalmente nos conheceríamos – e seria tarde.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *O melhor das comédias da vida privada*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 265-266 (Adaptação).

07. (UEG-GO) O texto anterior situa os fatos no terreno da conjectura, da suposição, usando para isso alguns mecanismos linguísticos.

- A) Indique dois desses mecanismos.
- B) Reescreva o primeiro parágrafo, fazendo as adequações necessárias para que se passe do campo da suposição para o da certeza.

08. (UEG-GO) O autor faz uma comparação entre o modo como as pessoas tratam a crença e o modo como elas tratam a ciência, sugerindo que crença e ciência seriam tratadas de modo diferente, caso a situação hipotética por ele criada se realizasse.

- A) Como, segundo o autor, as crenças e a ciência são tratadas atualmente?
- B) Como ciência e crença seriam tratadas na situação hipotética criada pelo autor?

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 09 e 10.

A moeda que subiu 200 000%

Essa foi a valorização da bitcoin, uma moeda virtual que pode ser emitida por qualquer pessoa que tenha um computador ligado à Internet. A questão é: dá para confiar num sistema desses?

Alguém que queira se hospedar no Villa Sart, um pequeno hotel na cidade de Danzig, às margens do Mar Báltico, na Polônia, pode fazer a reserva de um quarto duplo por 95 euros por noite. Se preferir, o visitante pode se instalar no mesmo cômodo pagando com seis unidades de outra moeda, a *bitcoin*. Outros 700 estabelecimentos, como restaurantes, livrarias e lojas de roupas, em diferentes países (nenhum deles no Brasil, ao menos por enquanto), começaram a trabalhar da mesma forma recentemente: aceitam moedas locais e *bitcoins*.

Bitcoins não existem no mundo real: são moedas virtuais que permitem que pagamentos sejam feitos sem a intermediação de instituições financeiras. A diferença para outros sistemas semelhantes, como o PayPal, é que as *bitcoins* podem ser geradas na Internet. Qualquer um que instalar um programa de computador chamado de “minerador” consegue emití-las. Ou seja, cria-se dinheiro a partir do nada. Como a emissão é muito lenta – pode levar mais de três meses para criar uma única unidade – e até pouco tempo atrás quase nenhum estabelecimento aceitava esse tipo de pagamento, a moeda era vista como mais um daqueles passatempos esquisitos dos *nerds*.

A questão é que, agora, as *bitcoins* se tornaram uma febre na Internet. Por razões inexplicáveis, mais consumidores e lojas passaram a usá-las, e a moeda valorizou de forma impressionante. No começo de 2010, uma unidade de *bitcoin* valia menos de 1 centavo de dólar. Hoje, na média do mês de agosto, é negociada por cerca de 10 dólares – uma alta de 200 000%. Existem 7 milhões de *bitcoins* em circulação, que movimentam quase 70 milhões de dólares. É muito pouco perto dos trilhões de dólares que circulam pelo sistema financeiro mundial, mas o que chama a atenção é a euforia em torno da moeda virtual. Na esperança de que a valorização continue, milhares de investidores têm comprado *bitcoins* para tentar revendê-las no futuro com lucro. Parte dessas compras é feita em casas de câmbio virtuais, que vêm sendo criadas para trocar dólares, euros e até reais por *bitcoins*. “Há espaço para esse mercado crescer muito mais. Essas moedas podem valorizar mais de mil vezes”, disse à EXAME Adam Stradling, consultor americano que trabalhou cinco anos em Wall Street antes de fundar a Trade Hill, uma dessas casas de câmbio.

O problema óbvio desse sistema é que ele não é regulado. As *bitcoins* não estão atreladas ao sistema financeiro de nenhum país nem são fiscalizadas por bancos centrais.

Elas começaram a ser criadas em 2009, depois que um programador japonês chamado Satoshi Nakamoto publicou uma tese em que apresentava a ideia de um sistema monetário virtual global. Saíram desse trabalho as coordenadas para que fosse criado o programa que emite *bitcoins* pela Internet. Senadores americanos chamaram a moeda de “uma forma *online* de lavar dinheiro”.

O maior risco é o de as pessoas simplesmente pararem de usar *bitcoins* e voltarem a pagar com dólares, euros ou reais. O valor de qualquer moeda depende da confiança de consumidores, empresários e investidores. “Nada garante que os usuários de hoje manterão o interesse pela moeda no futuro”, diz John Robb, ex-analista da consultoria especializada em Internet Forrester Research, que estuda o sistema das *bitcoins* desde sua criação. Uma mudança de comportamento poderia fazer com que as *bitcoins* virassem pó em pouco tempo. Além disso, começam a pipocar denúncias de crimes associados ao uso desse sistema de pagamento. Em junho, um usuário veio a público denunciar o roubo de *bitcoins* de sua carteira virtual, um sistema de armazenamento da moeda virtual que funciona de maneira parecida com a dos bancos na Internet. Também há casos de cambistas que simplesmente sumiram com as *bitcoins* de seus clientes.

Por enquanto, as fraudes são isoladas e, por isso, o clima geral em relação às *bitcoins* é de boa vontade. “A *bitcoin* é mais uma forma de pagamento, e também tem sido um ótimo investimento”, diz Artur Szumski, dono do hotel Villa Sart, na Polônia. Os entusiastas dizem que a maior vantagem da moeda virtual é o fato de ela ser imune à inflação. Como não pertence a países, não sofre com as decisões de governos que podem desvalorizá-la, como vem ocorrendo com o dólar. Fora isso, o algoritmo de Nakamoto controla a quantidade e o ritmo com que a moeda pode ser gerada na Internet – sabe-se que a oferta total de *bitcoins* nunca poderá ultrapassar 21 milhões de unidades. A questão é saber até quando o otimismo vai durar.

FAUST, André. *Exame*. São Paulo: Abril, set. 2011. p. 174-176 (Adaptação).

09. (UFG-GO) A pergunta “Dá para confiar num sistema desses?” define a linha argumentativa do texto.
- A) Para desenvolver essa linha argumentativa, o autor questiona uma característica fundamental das moedas. Que característica é essa?
- B) Nas conclusões, o autor reafirma sua opinião a respeito da euforia provocada pela *bitcoin*. Que opinião é essa e que frase do texto a explicita?

- 10.** (UFG-GO) A produção de moedas obedece a sistemas específicos de gerenciamento.
- A) Explique como a *bitcoin* se diferencia das moedas do mundo real, quanto ao seu modo de emissão e quanto ao seu modo de gerenciamento.
- B) Senadores americanos chamaram a *bitcoin* de “uma forma *online* de lavar dinheiro”. Considerando-se as regras do mundo financeiro, explique o sentido da expressão “lavagem de dinheiro”.

SEÇÃO ENEM

- 01.** (Enem-2018)

Mais *big* do que *bang*

A comunidade científica mundial recebeu, na semana passada, a confirmação oficial de uma descoberta sobre a qual se falava com enorme expectativa há alguns meses. Pesquisadores do Centro de Astrofísica Harvard-Smithsonian revelaram ter obtido a mais forte evidência até agora de que o universo em que vivemos começou mesmo pelo Big Bang, mas este não foi explosão, e sim uma súbita expansão de matéria e energia infinitas concentradas em um ponto microscópico que, sem muitas opções semânticas, os cientistas chamam de “singularidade”. Essa semente cósmica permanecia em estado latente e, sem que exista ainda uma explicação definitiva, começou a inchar rapidamente [...]. No intervalo de um piscar de olhos, por exemplo, seria possível, portanto, que ocorressem mais de 10 trilhões de Big Bangs.

ALLEGRETTI, F. *Veja*, 26 mar. 2014 (Adaptação).

No título proposto para esse texto de divulgação científica, ao dissociar os elementos da expressão Big Bang, a autora revela a intenção de

- A) evidenciar a descoberta recente que comprova a explosão de matéria e energia.
- B) resumir os resultados de uma pesquisa que trouxe evidências para a teoria do Big Bang.
- C) sintetizar a ideia de que a teoria da expansão de matéria e energia substituiu a teoria da explosão.
- D) destacar a experiência que confirma uma investigação anterior sobre a teoria de matéria e energia.
- E) condensar a conclusão de que a explosão de matéria e energia ocorre em um ponto microscópico.
- 02.** (Enem-2017) PROPAGANDA – O exame dos textos e mensagens de Propaganda revela que eles apresentam posições parciais, que refletem apenas o pensamento de uma minoria, como se exprimissem, em vez disso, a convicção de uma população;

trata-se, no fundo, de convencer o ouvinte ou leitor de que, em termos de opinião, está fora do caminho certo, e de induzi-lo a aderir às teses que lhes são apresentadas, por um mecanismo bem conhecido da Psicologia Social, o do conformismo induzido por pressões do grupo sobre o indivíduo isolado.

BOBBIP, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: UnB, 1998 (Adaptação).

De acordo com o texto, as estratégias argumentativas e o uso da linguagem na produção da propaganda favorecem a

- A) reflexão da sociedade sobre os produtos anunciados.
- B) difusão do pensamento e das preferências das grandes massas.
- C) imposição das ideias e posições de grupos específicos.
- D) decisão consciente do consumidor a respeito de sua compra.
- E) identificação dos interesses do responsável pelo produto divulgado.
- 03.** (Enem) Em uma escala de 0 a 10, o Brasil está entre 3 e 4 no quesito segurança da informação. “Estamos começando a acordar para o problema. Nessa história de espionagem corporativa, temos muita lição a fazer. Falta consciência institucional e um longo aprendizado. A sociedade caiu em si e viu que é uma coisa que nos afeta”, diz S.P., pós-doutor em Segurança da Informação. Para ele, devem ser estabelecidos canais de denúncia para esse tipo de situação. De acordo com o conselheiro do Comitê Gestor da Internet (CGI), o Brasil tem condições de desenvolver tecnologia própria para garantir a segurança dos dados do país, tanto do governo quanto da população. “Há uma massa de conhecimento dentro das universidades e em empresas inovadoras que podem contribuir propondo medidas para que possamos mudar isso [falta de segurança] no longo prazo”. Ele acredita que o governo tem de usar o seu poder de compra de *softwares* e *hardwares* para a área da segurança cibernética, de forma a fomentar essas empresas, a produção de conhecimento na área e a construção de uma cadeia de produção nacional.

SARRES, C. Disponível em: <www.ebc.com.br>. Acesso em: 22 nov. 2013 (Adaptação).

Considerando-se o surgimento da espionagem corporativa em decorrência do amplo uso da Internet, o texto aponta uma necessidade advinda desse impacto, que se resume em

- A) alertar a sociedade sobre os riscos de ser espionada.
- B) promover a indústria de segurança da informação.
- C) discutir a espionagem em fóruns internacionais.
- D) incentivar o aparecimento de delatores.
- E) treinar o país em segurança digital.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Meu aproveitamento 

Acertei _____ Errei _____

Aprendizagem

01.

- A) A produção é um fato porque é uma possibilidade objetiva de verificação, constatação ou averiguação, portanto também de descrição ou previsão.
- B) O fato tratado na série documental é a fome no Brasil no ano 2001. É fato porque pode ser comprovado por meio de documentos e pesquisas.
- C) O exposto na série – a fome no Brasil naquele ano – tinha importância, segundo o repórter, pois, embora fosse um tema muito discutido no país, ainda havia muito a ser mostrado. Porém, a emissora não concordava. Tanto o repórter quanto a emissora apresentavam apenas hipóteses sobre o tema da fome.
- D)
- Interessado em realizar sua produção, a série documental, o repórter tentou persuadir a empresa.
 - O jornalista foi a campo, entrevistou pessoas, verificou a realidade em relação ao tema que se propunha trabalhar.
- E) Essas situações estão no 3º, 5º, 6º, 7º parágrafos: “Naquela época, 36 milhões de brasileiros não sabiam quando teriam a próxima refeição, uma realidade brutal que a equipe de jornalismo pôde presenciar em seu estado fatal. A cada cinco minutos uma criança morria no país, a grande maioria vítima da fome, algo invisível para as classes mais favorecidas”; “A desnutrição se reproduz em doenças mentais”; “A fome provoca o êxodo para os grandes centros, onde as pessoas continuavam em situação de miséria”.
- F) O jornalista utiliza os seguintes argumentos: entrevistas: “[...] entrevistou a lavadeira Maria Rita Costa, de 51 anos, que sofria de desnutrição”; narrativas: “A situação de saúde dela [Dona Maria Rita] era tão ruim que a equipe da Globo teve que providenciar uma ambulância para levá-la ao hospital”; argumento de autoridade científica: “Num hospital psiquiátrico em Cariri, no sul do Ceará, o repórter entrevistou o médico José Abagaro Filho, especializado em combater distúrbios provocados pela deficiência de nutrientes. Segundo o psiquiatra, está comprovada a existência de doença mental por desnutrição”. A segunda parte da questão requer uma resposta pessoal, mas não descontextualizada. Deve-se atentar para o fato de que são apenas hipóteses, opiniões ainda sem consistência.
- G) Nessa questão, deve-se compreender a responsabilidade de se ater à verdade dos fatos, saindo da mera hipótese / opinião e construindo uma tese, uma ideia respaldada por fatos, provas, averiguações.

02.

- A) É possível grifar, principalmente, a fonte da informação, que é o Ministério do Trabalho; e “as informações constam do Radar do Trabalho Escravo, da Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT)”.
- B) Nessa questão, deve-se redigir um parágrafo, apresentando brevemente introdução, desenvolvimento e conclusão, a respeito do porquê se pode considerar o texto-base como um fato e não como opinião. É preciso destacar como argumento a apresentação de dados, o que torna a informação um fato.
- C) O texto traz informações gerais, sem especificar a faixa etária daqueles submetidos ao trabalho escravo ou a situação análoga a ele. O gráfico informa sobre crianças e adolescentes de 5 a 17 anos. O maior número de crianças trabalhando se dá na área agropecuária, na agricultura, na construção civil e no trabalho doméstico. O texto também aponta a agropecuária e a agricultura como as mais frequentes atividades em que se verifica essa atividade ilegal, mas não informa sobre trabalho doméstico e construção civil. Isso, provavelmente, porque não especifica as vítimas infantil ou adolescente, que operam dentro das casas com menos vigilância da lei.

 03. C 04. B

05.

- A) Na introdução do texto em análise, foi empregada, como estratégia argumentativa, o correlacionamento dos textos. Exemplo disso pode ser constatado no trecho: “Outro dia, mandaram um *link* para que eu lesse com carinho. Era um texto dizendo que ‘o pai da Internet’, Vint Cerf, recomendava que [...]”.
- B) A tese é: “obsolescência programada”.

06.

- A) Na introdução do texto em análise, foi empregada, como estratégia argumentativa, o lançamento de perguntas. Exemplo disso pode ser constatado no trecho: "Você acha que sabe tudo sobre a história e evolução da humanidade? [...]"
- B) A tese é "A origem humana ainda é um tema delicado e cercado de mistérios".

Propostos

Acertei _____ Errei _____

01. C
02. B
03. B
04. D
05. C
06. D

07.

- A) O texto utiliza três mecanismos para indicar uma suposição. São eles: (1) Uso de orações subordinadas adverbiais condicionais (introduzidas pela conjunção condicional "se"); (2) Formas verbais do pretérito perfeito do subjuntivo:
- "... se um asteroide fosse se chocar com a Terra..."
 - "se não houvesse nada a fazer"
 - "Se existissem foguetes salvadores"
- (3) Uso de formas verbais do futuro do pretérito: "comportaríamos", "convenceríamos", "viveríamos", "tribalizaríamos", etc.
- B) E quando um asteroide for se chocar com a Terra, e não houver nada a fazer para evitar o nosso fim? Como nos comportaremos?

08.

- A) O autor sugere que atualmente a crença defende a certeza de que haverá um fim de tudo (o "fim do mundo" defendido por várias religiões), e que ela, talvez por essa razão, é tratada por muitos como "ocultismo", "feitiçaria", etc. Já a ciência, atualmente, goza de prestígio por utilizar métodos matemáticos / científicos em sua atividade.
- B) O autor sugere que, no futuro hipotético por ele criado, a certeza do fim provocaria o questionamento de verdades científicas em busca de esperança de salvação ante a iminência do fim (como acontece com a crença atualmente).

09.

- A) O autor questiona o fato de a moeda *bitcoin* não ser regulamentada e, por isso, não ter credibilidade no mercado financeiro.
- B) O autor reafirma sua opinião de desconfiança em relação à *bitcoin*, questionando a duração do otimismo em torno da moeda e enfatizando que apresenta riscos, apesar de suas vantagens. Essa desconfiança é resumida em frases como "A questão é saber até quando o otimismo vai durar" e "Nada garante que os usuários de hoje manterão o interesse pela moeda no futuro".

10.

- A) A moeda *bitcoin*, diferentemente de uma moeda do mundo real, pode ser emitida por qualquer pessoa por meio de um computador, basta que este tenha um programa de mineração. Já uma moeda do mundo real é emitida por um órgão governamental. Em relação ao gerenciamento, a *bitcoin* não é regulamentada por nenhuma instituição porque não pertence a nenhum país; as moedas do mundo real, por sua vez, são regulamentadas e fiscalizadas por bancos centrais.
- B) Entendem-se por "lavagem de dinheiro" as transações financeiras ilegais destinadas a tornar bens e moedas ilícitos em lícitos.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

01. C
02. C
03. B



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %